

○ NOVO FANGUEIRO ○

Director: ARMANDO SARAIVA

Editorial

Estamos a chegar ao fim de mais um mandato da Junta e, como vem sendo pecha nos últimos anos em Fão, a Assembleia de Freguesia não reúne.

Embora aparentemente a culpa recaia inteirinha sobre o Presidente da Assembleia, nós transmudamos essa responsabilidade para o Presidente da Junta e explicamos porquê. É que todos sabemos que o Presidente Luís Viana é unha e carne com o respectivo Secretário, ou não pertencessem ao mesmo partido, de modo que aquilo que um deseja o outro realiza. E no caso vertente,

Mea Culpa

nem um nem outro gosta de assembleias. Ora, o Secretário é o dono de uma oficina de automóveis gerida pelo Presidente da Assembleia (não sabemos o seu nome nem para o caso interessa) que por uns restos de pundonor poderia querer reunir a assembleia como era seu dever. Só que teme as represálias do «patrão» como aconteceria a qualquer mortal nas mesmas circunstâncias (atire a primeira pedra quem...). Ainda pelo mesmo motivo não pode ou não ousa demitir-se. Se não...

Em resumo: o Presidente da Assembleia da Freguesia de Fão não passa de **um pobre homem**. Mas aí é que está a tragédia e a vergonha da vila de Fão: escolheu para presidir ao órgão mais representativo da terra precisamente **um pobre homem**...

Corolarmente voltamos à nossa convicção do princípio: o que está acontecendo tem o aval, nós diríamos, tem a imposição de Luís Viana que para este caso adopta a política de avestruz. «Eu não posso convocar as assembleias...»

É inegável que se tem feito alguma coisa na terra e isso pela boa convivência e convívência com o Presidente da Câmara. Mas o povo de Fão merece ser tratado com mais

(Continua na pág. 2)

O PERFIL DE HOJE

por ARMANDO SARAIVA

P.e António Alves Nogueira



No dia 2 de Abril de 1920 ocorreu em Fão um grave tumulto que meteu tiros, feridos e só não houve mortes por mero acaso.

Fão estava com efeito dividido em dois grupos, republicano e monárquico (ou liberal?) que se degladiavam de morte, não propriamente devido a ideologias partidárias, mas por causa do pároco, P.º Luiz Fernandes de Azevedo, que o Arcebispo de Braga, D. Manuel Vieira de Matos exonerou, ao fim de 16 anos de pastoreio na terra fangueira. Isto fez com que a freguesia se dividisse ao meio, uns reclamando insistentemente à volta do P.º Azevedo, outros a vindo P.º António Alves Nogueira que fora entretanto nomeado prior de Fão. A Junta, republicana, ficara com as chaves da igreja, impedindo assim qualquer manifestação de culto. A paróquia de Fão foi anexada à de Fonteboa mas o abade desta freguesia não conseguiu nunca celebrar missa quer na matriz, quer no templo do Bom Jesus. A freguesia estava em pé de guerra, os enterros faziam-se sem assistência religiosa, embora com acompanhamento de estandartes e os fiéis dirigiam-se às freguesias vizinhas para cumprirem os seus deveres religiosos.

As coisas permaneciam assim há uns dez meses, quando faleceu na terra Del-

finha da Costa Campos (1-4-1920) para quem a família desejou um enterro católico. Foi contactado o novo pároco, residente em Gemeses, que por sua vez recebeu do administrador do concelho, José Abreu, a quem consultara, autorização e a promessa do apoio necessário para que tudo corresse em boa ordem. Na tarde de 2 de Abril, o P.º Nogueira apresentou-se em casa da finada, na R. Álvaro de Castelões, revestido de estola, que para os locais, simbolizava a qualidade de pároco da freguesia. Seguiram-se graves incidentes que

(Continua na pág. 4)

UM MINISTRO DE ESPOSENDE



«O Novo Fangueiro» não pode deixar de se congratular com a escolha do Eng. João de Oliveira Martins para Ministro das Obras Públicas, Transportes e Comunicações.

Trata-se de uma honra para Esposende a escolha de um seu filho para tão alto cargo. Trata-se igualmente de galardoar a competência, a seriedade e a dedicação de que o Eng. Oliveira Martins sempre deu provas em todos os cargos que desempenhou.

Representa por outro lado um acto de coragem ser membro do governo nos dias que passam.

Por todos os motivos as nossas felicitações.

Editorial

(Continuado da pág. 1)

respeito e dignidade. Uma assembleia de freguesia é um local de reunião onde as pessoas tomam conhecimento dos problemas, emitem opiniões e podem revelar repulsa por qualquer medida menos feliz; por esse motivo a assembleia de freguesia de Fão deveria ser por excelência o lugar do encontro de ideias do povo. Infelizmente metem uns rebuçados na boca desta gente e ela vive abúlica, inconsciente, sem chama. E pensar que Fão já foi a freguesia mais importante do concelho...

Pelos vistos as irregularidades

Necrologia

«Jornal de Esposende» de luto

Domingo, dia 27, o dr. Manuel Maria da Silva Costa, fundador e colaborador do nosso colega «Jornal de Esposende», foi assistir ao desafio Esposende - Arcos de Valdevez que se realizava no Campo P.º Sá Pereira. Levava consigo o filho Nuno, de 6 anos, companheiro inseparável. Foram ambos para a bancada em construção, precisamente para o topo mais alto que desafortunadamente não estava protegido. O filho, sempre agarrado ao pai, a certa altura deve ter-se distraído e calu de uma altura de 7 metros, sofrendo fractura craniana que lhe causou a morte, já no Hospital de S. João.

Aos inconsoláveis Pais «O Novo Fangueiro» apresenta condolências.

Com uma idade já avançada, 84 anos, faleceu em Fão Augusto Ferreira que tinha uma particularidade notável: era uma pessoa sempre muito bem disposta; nunca andava triste e com quem estava ou por quem passava tinha sempre um chiste, uma graça que deixava as pessoas contentes.

Com a sua morte, podemos dizer que se finou um dos últimos abencerragens da graça fanguieira.

Também faleceu em Fão o Sr. António Caseiro que esteve em África vários anos, regressando à sua terra após a descolonização.

Curiosamente o António Caseiro (mais conhecido por António Cuco) era também nos tempos da sua juventude um moço alegre, com um dito sempre muito oportuno que pertenceu à famosa malta dos de «lá de cima» da rua das Pedreiras.

Cegou entretanto de uma vista e os azares da vida secaram-lhe a veia humorística.

Que descansem em Paz.

não se ficam apenas ao nível de Assembleia pois há dias temos no «Jornal de Esposende», correspondência de Fão, que o «Tesoureiro da Junta — segundo confessou ao jornalista — desconhece completamente o movimento das contas do executivo fanguieiro». Chegou a pedir «em tempos e por forma verbal a demissão do cargo pela razão forte de não ser tida nem achado...». O certo é que não se demitiu: «por razões ponderosas o tesoureiro continuou em funções, completamente marginalizado de expediente admi-

nistrativo e do processo de condução dos interesses da vila».

Em conclusão: o Tesoureiro, segundo ele próprio confessa, não exerce as suas funções, não faz nada... mas não se coíbe de todos os meses ir receber à Câmara a quantia de dois mil, setecentos e tal escudos pelo exercício das suas funções.

A não ser que Joaquim de Jesus Carlos esteja a oferecer essa importância a qualquer instituição da terra e nesse caso só nos resta acrescentar **mea culpa!**...

Aumente o seu Colesterol!

Com que então o Prémio Nobel foi atribuído a dois médicos americanos por combaterem o colesterol!

O que vale é que isso foi lá longe, na nórdica Suécia e os médicos são de outro continente. Assim, poderemos continuar tranquilamente, sem grandes sobressaltos, com o nosso «Colesterol à Portuguesa»...

Vamos ver o que vai ser hoje a tentação para o dito colesterol dar a sua sublinha:

CROQUETES DE ARROZ

Arroz — 60 gramas.

Leite — 1/2 litro.

Gemas — 2.

Lava-se o arroz em água morna, escorre-se, põe-se numa caçarola com o leite e deixa-se ferver três quartos de hora.

Retira-se então a caçarola do lume, deixa-se arrefecer um pouco o arroz e junta-se-lhe as 2 gemas e uma colher de sopa de leite frio.

Divide-se a massa em bocados, põe-se numa tábua polvilhada de farinha e rola-se em forma de croquetes.

Passam-se por ovo e pão ralado e vão a fritar em azeite (ou óleo) bem quente.

E a sobremesa? Ai vai ela:

QUEQUES PARISIENSES

Ovos — 12.

Açúcar — o peso dos ovos.

Farinha — metade desse peso.

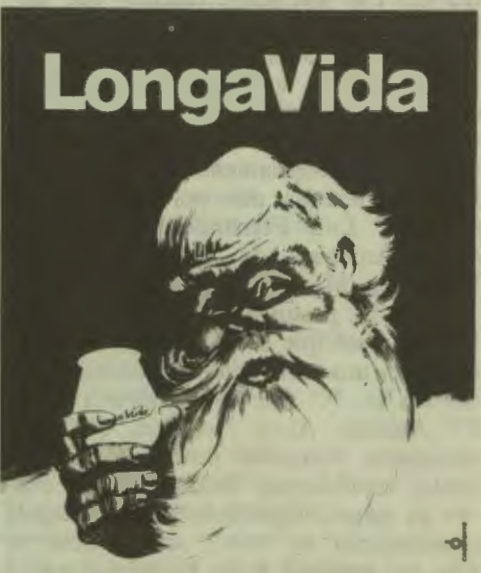
Batem-se bem as gemas com o açúcar à parte, as claras até ficarem em espuma.

Junte as claras à massa de ovo e açúcar e misture a farinha, batendo tudo.

Quando estiver muito bem misturado, encham-se com a massa pequenas formas untadas com manteiga e vai a cozer a forno muito quente.

E pronto. Estimamos a subida do sr. colesterol e despedimo-nos até ao próximo mês, se Deus quiser.

Tia Marquinhas



o que é bom da natureza

Tempo de eleições

Os resultados na terra de Fão das eleições legislativas realizadas no dia 6 de Setembro foram os seguintes:

PSD, 502; PS, 298; PRD, 238; CDS, 207; APU, 158.

Os cabeças de listas dos 5 partidos concorrentes à Câmara Municipal e Assembleia Municipal são os seguintes:

APU — António Fernandes de Matos e José Cândido Vinha Novais. CDS — Alexandre Domingos Losa de Faria e Rosa Cardoso S. Torres Fonseca. PRD — Maria Augusta F. Ferreira Neves e Baltazão Manuel Romão de Castro. PSD — Manuel Fernandes Ribeiro e José Francisco Brás Marques. PS — José Bernardino Amândio e João Vilarinho.

Para a Junta de Freguesia de Fão apresentam-se os seguintes candidatos:

APU — João José Soares Pedras. CDS — Luís Gomes Viana. PS — Conceição Maria Sequeira e PSD — Mário dos Santos Ferreira.

Boa sorte.



UNIÃO DE BANCOS PORTUGUESES

O BANCO DO APOIO REGIONAL

O Mundo em que vivemos

ERAM JOVENS E MORRERAM

No artigo do mês passado, referimos o alcance dos dedos longos da Morte.

Eles continuam a estender-se por sobre os escolhidos, umas vezes misericordiosamente, no caso de doentes sem esperança, mergulhando em fundo sofrimento; mas outras vezes é com uma crueldade inaudita que ceifam vidas que mal tiveram tempo de começar a viver.

Foi este o caso que ocorreu no concelho da Póvoa de Varzim, há cerca de um mês: um par de jovens, ambos de 24 anos, casados apenas há uma semana, regressava do fotógrafo, onde fora buscar as fotos do seu casamento. Ele chamava-se Domingos e ela, por amarga ironia, chamava-se Esperança...

Regressavam felizes, no início de uma vida a dois ainda apenas estreada, em plena «lua de mel».

Mas a viagem de regresso ao lar estava condenada a não acontecer. Numa

passagem de nível sem guarda, na freguesia de Laúndos, os dedos longos da Morte esperavam o jovem casal para uma outra viagem, essa sem retorno...

Uma automotora trucidou-os, reduzindo a pedaços os corpos juvenis, momentos antes estuantes de vida. A motorizada em que transitavam era apenas um feixe de metal.

Bruscamente interrompida, inexoravelmente quebrada a linha de uma vida que começavam a percorrer juntos e que não percorreriam nunca mais!

Se tivéssemos de escolher um epitáfio para a sepultura do juvenil e desventurado casal, optaríamos por dois versos do poema de um fado coimbrão, tão sentidamente interpretado por António Bernardino:

«Eram jovens e morreram
No tempo de darem flor ...»

E. REAL

FORMATURA

Concluiu há dias o seu curso de engenheiro agrónomo no Instituto Superior de Agronomia o nosso prezado assinante Luís Artur Soares Ferreira.

Ao novo engenheiro (parece-nos, aliás, que é a primeira licenciatura em engenharia agronómica em Fão) endereçamos efusivas saudações, extensivas do mesmo modo a todos os seus familiares.

Melhoramentos

Lentamente, timidamente, a nossa terra vai registando algumas inovações no sector económico.

Na rua das Pedreiras apareceram dois cafés. Um situa-se na cangosta em frente à chamada casa da Leca; o outro foi construído no Caldeirão nos novos aruamentos ali ultimamente projectados. Trata-se de um café airoso, com bilhar russo, onde se podem petiscar umas coisas a qualquer hora da noite. É sem sombra de dúvidas o mais acolhedor café de Fão.

A propósito: quando é que as Pedreiras se tornam independentes?

Também na R. Artur Sobral, ao Ramalhão, está a construir-se uma fábrica de confecções e ao que consta de fiação. Para já a referida unidade está a laborar com 40 empregados, esperando-se que o seu número atinja os 250. Sem dúvida que se trata de um melhoramento muito importante e que vai resolver o problema de mão de obra local.

Na mesma rua o sr. Valdemar Marinho Alves está a levantar um edifício que se destina a uma padaria que terá o nome de União de Padaria Fãoense. Trata-se de uma obra vultuosa que atingirá os 18.000 contos que será dotada de aparelhagem moderna para o fabrico de um bom pão.

Valdemar Alves pensa aumentar substancialmente a sua produção com a procura de mercados no exterior. Tudo dependerá da qualidade do produto.

PAGARAM ASSINATURA

Valdemar Viana, Brasil, 1000\$; Félix Leite, Brasil, 1000\$; Fernando Pedras, Fão, 500\$; António Domingues da Venda, Fão, 500\$; Miguel Horácio Pereira, Fão, 500\$; Maria José Borda, Fão, 500\$; António Reis Graça, Fão, 500\$; Dr. Proença Fernandes, Póvoa de Varzim, 500\$; Manuel Sá Leites, Fão, 500\$; João Mendanha R. Cruz, Lisboa, 500\$; António Ferreira Gomes da Silva, Fão, 850\$; Dr. Mário Vieira Sousa Basto, Porto, 500\$; D. Maria Alice Fernandes Morais, Barcelos, 500\$; Arq. Júlio de Oliveira, Fão, 500\$; Arq. Júlio José Cardoso Oliveira, Fão, 500\$; Eng. Fernando Ribeiro da Silva, Fão, 500\$; Mário Fernando Cardoso e Silva, Brasil, 1000\$; Miguel Cardoso e Silva, Lisboa, 500\$; Companhia Brasileira de Tecidos, Brasil, 1000\$; David Machado Viana, Brasil, 1000\$; Armandino Antunes, Fão, 500\$; Manuel Belmiro Gonçalves Ferreira, Fão, 500\$; António Boaventura Silva, Porto, 500\$; Sebastião Gonçalves Didier, Porto, 500\$; Carlos Arantes, Necessidades-Fão, 500\$; José Palha Gandarela, Porto, 500\$; D. Maria Fernandes Fonseca, Brasil, 1000\$; Valdemar Marinho Alves, Fão, 1000\$; Artur António Sobral, Fão, 500\$; D. Maria Emília Viana Espojeiro, Brasil, 1000\$; Arlindo da Costa Lopes Cardoso, Fão, 850\$; D. Isolina Lopes Fonseca, Fão, 500\$; Belmiro Lopes Cardoso, Fão, 500\$; Dr. Norberto Manuel Pereira Silva Moia, Fão, 500\$; Eng. Artur dos Santos Ferreira, Fão, 500\$; Rafael Maciel de Oliveira, Fão, 850\$; Manuel Sá Pereira Alves, Fão, 850\$.

Bem hajam.

Ao fim de ano e meio devolveu-nos o jornal o sr. Joaquim de Jesus Carlos sem pagar nem o primeiro nem o segundo ano de assinatura.

FORMATURA

Concluiu há dias o seu curso de engenheiro agrónomo no Instituto Superior de Agronomia o nosso prezado assinante Luís Artur Soares Ferreira.

Ao novo engenheiro (parece-nos, aliás, que é a primeira licenciatura em engenharia agronómica em Fão) endereçamos efusivas saudações, extensivas do mesmo modo a todos os seus familiares.

Melhoramentos

Lentamente, timidamente, a nossa terra vai registando algumas inovações no sector económico.

Na rua das Pedreiras apareceram dois cafés. Um situa-se na cangosta em frente à chamada casa da Leca; o outro foi construído no Caldeirão nos novos aruamentos ali ultimamente projectados. Trata-se de um café airoso, com bilhar russo, onde se podem petiscar umas coisas a qualquer hora da noite. É sem sombra de dúvidas o mais acolhedor café de Fão.

A propósito: quando é que as Pedreiras se tornam independentes?

Também na R. Artur Sobral, ao Ramalhão, está a construir-se uma fábrica de confecções e ao que consta de fiação. Para já a referida unidade está a laborar com 40 empregados, esperando-se que o seu número atinja os 250. Sem dúvida que se trata de um melhoramento muito importante e que vai resolver o problema de mão de obra local.

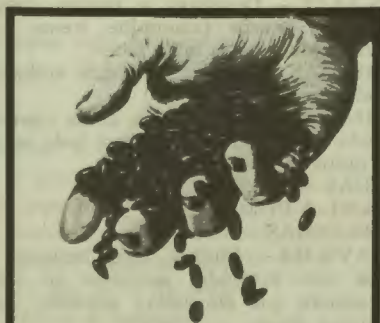
Na mesma rua o sr. Valdemar Marinho Alves está a levantar um edifício que se destina a uma padaria que terá o nome de União de Padaria Fãoense. Trata-se de uma obra vultuosa que atingirá os 18.000 contos que será dotada de aparelhagem moderna para o fabrico de um bom pão.

Valdemar Alves pensa aumentar substancialmente a sua produção com a procura de mercados no exterior. Tudo dependerá da qualidade do produto.

Natureza

Mesmo que em teu coração,
Haja sombras e tristeza,
Não fiques na escuridão,
Abandona o teu cismar;
E vai então contemplar
A formosa Natureza:
Os sorrisos da paisagem,
O trabalho das abelhas,
Colhe rosas nos caminhos,
Ouve a música dos ninhos
E das cigarras a lra,
Prova as cerejas vermelhas
E com avidez aspira
O aroma que traz a aragem.
Admira o mar, as colinas,
Os rios e seus rumores,
As planícies com boninas,
As crianças inocentes;
Contempla o sol, as estrelas,
As auroras multicores,
Os coloridos poentes
E todas as coisas belas
Que Deus no mundo espalhou.
No final descobrirás
Que no teu peito brotou
Um canto de amor e paz.

DINIS VILARELHO



o melhor café
é o da

A BRASILEIRA
PORTO

ALCUNHAS FANGUEIRAS

Muita gente ficou aflita por termos inserido no nosso jornal uma listagem das alcunhas geradas em Fão. Esclarecemos que se trata de um trabalho muito valioso levado a cabo pelo dr. Joaquim Peixoto que para isso sensibilizou algumas alunas de Fão com destaque para Almerinda Maria Figueiredo Solinho e Cecília Cristina Maris Correia, hoje já universitárias.

Estas alunas fizeram o seu inquérito sobretudo junto das famílias visadas, embora o seu levantamento tivesse igualmente a preciosa ajuda da simpática nonagenária Deolinda Furtada, ainda hoje muito fresca e lúcida, graças a Deus.

C

CHAVES —

CHELHA —

CHIBANTAS —

CHICHARRICA — Homem viúvo, já com um filho, e pretendia casar com rapariga muito nova, divertida. A mãe dele que não gostava desse casamento dizia que ele era «chica rica» para ela. Afinal casaram, ele ficou o chicarrica, ela também e os vindouros.

CHINÓ — Era careca e nunca gostava de sair de casa sem um carapuço na cabeça, por isso pedia sempre: vai buscar o meu chinó!

CHIQUITAS —

CHIRITAS —

CHITAS — Tinham loja de fazenda e gabavam sempre a mercadoria dizendo: Temos boa chita.

CHOFIRO — Como não articulava bem as palavras dizia que o seu nome era Chofiro em vez de Porfírio.

CHOQUINHA — Mulher que tinha uma loja já antiquada onde não havia nada para comprar.

CHULAS — Gostavam muito de dançar.

CLARINHAS — Autoras do doce que o foram aprender a fazer a Vila do Conde ao mosteiro de Santa Clara.

COCHINHA — Havia na família uma pessoa coxa-a coxinha, daí as cochinhas.

COIVE DO ASILO — Era fraquinho e fraquinhas eram as couves do asilo, criadas na areia.

COME UNTO — Quando era pequeno gostava muito de comer unto, até o roubava à mãe.

CONCERES —

CONEGA —

CREIXOMIL — Era duma terra chamada Creixomil do concelhos de Barcelos.

CRISTO — Quando um pouco animado, bem bebido, cantava a canção «Entreguei-me todo a Cristo».

CUÃO —

CUCO — Quando pequeno andava sempre a acompanhar um senhor que gostava de ir aos cucos.

CURICA —

CUSTOIRAS —

D

DIDON — Depois de pouco tempo em França onde se usa muito a expressão «Dit, donc» também aqui a começou a empregar mas sem correção: Didon! Agora é assim conhecido.

DONANA — Filho de uma senhora a quem as pessoas, nesse tempo tinham como importante, de gente fina, a Dona Ana.

E

ESCONDIDINHO — Tinha uma loja numa rua apertada, escura e escondida.

ESTELA — Um antepassado era da Estela.

F

FACÃO —

FAISCA —

FEIJOS — Natural da freguesia de Feijozes.

FANECAS —

FARAO —

FERROQUE —

FIDÓ —

FISCALAS — Um antepassado tinha sido guarda fiscal.

FITAS — Um antepassado era muito fiteiro pois passava pela mocidade e dizia sempre uma «graça» um «piropo».

FÓGAS — Houve um grande fogo um dia. Todos falavam «nos do fogo». Quando se referiam às mulheres eram as fogas.

FOLHETEIRAS — Antepassado trabalhava em folhetas.

FRACAS —

FRADAS —

FRANCISCA-ROSA — Rapariga bonita que dançava nas festas e se chamava Francisca. Um dia alguém de fora a viu nessa animação e disse: Que linda rosal

— Rosa não! Francisca! Ela é Francisca.

Responde o forasteiro:

— É uma Francisca, rosa.

E daí ficou com essa alcunha que passou a toda a família.

FULÃO —

FURTADAS — Há muitos anos desapareceu um menino muito bonito, loirinho, durante três dias. Foram umas francesas vizinhas que a retiveram. Ao fim desse tempo reapareceu. Até o sino tocou. Quando per-

guntavam porquê, a resposta era: Foi o menino furtado que apareceu!

G

GAIO — Tinham nascido 2 gémeos e toda a gente perguntava ao pai como estavam elas. Ele sempre respondia: — Estão bens, vivinhos como 2 gaiinhos. Assim lhes ficou a alcunha e à família.

GALINHA MORTA — Andava muito devagar, sempre de cabeça no chão.

GALINHA DE VEIA — Pessoa antiga, geniosa, que quando se irritava se punha vermelha, pescoço esticado e veias salientes.

GRAVATA —

I

INCHADINHA —

J

JÁ-JÁ — Empregado numa fábrica, humilde, sempre que lhe mandavam fazer qualquer coisa, ele logo dizia: — sim senhor, faço já, já, já!

JEEP — Porque anda muito depressa, leva tudo na frente.

JUSTAS — Tiveram um antepassado que era muito correcto.

L

LAGARDERE — Puseram-lhe esta alcunha por se chamar Henrique, devido a uma série da televisão em que um dos personagens era Henri Largadere.

LAIDA-MENINOS — Quando moça, gostava muito de brincar com crianças e a mãe dizia: «És mesmo uma Laida meninos!»

LARECO —

LIMIANOS — Porque é natural de Ponte de Lima.

LIRIOS — Vivem no lugar dos Lírios.

M

MAÇARICO — Era pequeno, de andar leve e ágil.

MAIS-BATE — Desafiava e pegava com todos. Os outros faziam-lhe frente e ele dizia «Mais bate, mais bate».

MALHADAS — Uma antepassada tinha uma malha no cabelo.

MALHÃO — Homem com andar escangalhado, gingando ora para um lado ou para o outro.

MANCAS —

MANUEL-A-PUM —

MANELINHAS —

MARAVILHA — Mulher feia, bastante feia mas que pretendia ocultá-lo ao marido e sempre que ele estava presente, ela ao espelho dizia:

Ai maravilha, maravilha

Ou o espelho me engana, ou eu

Sou muito bonita!

Ficou-lhe a maravilha.

MARIA DOS GATOS — A patroa tinha muitos gatos e a empregada tratava deles.

MARICOTAS —

MAROTA — Moça engraçada, azougada, brincalhona com os próprios rapazes, mas a quem mantinha à distância. Eles quando por ela passavam diziam: Ah marota, marotal! Mais tarde casada, teve um filho que foi sempre conhecido pelo Carlos da Marota.

ÓPTICA *Oliveira*
ALEIXO FERREIRA, L.DA
création ARMAÇÕES — ÓCULOS SOL
AZAL
RUA DA MISERICORDIA, 2-16 — 4700 BRAGA • TEL. 75777

P.e António Alves Nogueira

(Continuado da pag. 1)

os jornais da época contam de maneira desigual, consoante a sua cor política. Diz «A Verdade» de 11-4-1920, de Esposende, jornal que se intitulava republicano, mas confessadamente anti-Azevedo: «Quando estava para sair, dois cavalheiros⁽¹⁾ (republicanos) chegaram-se ao pároco e disseram-lhe: «a maioria da freguesia não o reconhece como prior de Fão» — e intimaram-no a tirar a estola.

O Pároco perguntou-lhes: V. Ex.^{as} são as autoridades?

A isto respondeu o ilustre regedor (cremos que o Joaquim Samaritano): a autoridade sou eu, e saindo pela porta fora, puxou da pistola e deu uns tiros.

Tremeu Troia. Os seus amigos, uns sete ou oito, comandados por mestre Joaquim, abriram nutrido fogo contra pessoas inofensivas e desarmadas, feriram a torto e a direito, não poupando sequer os seus próprios amigos».

Vejamos agora o que disse o «Grulha», jornal verdadeiramente republicano, estrénuo defensor do P.^o Azevedo, em 15-4-1920: «Quando o P.^o Nogueira se preparava para acompanhar o fere-

bro, o Jaime Lopes Pereira que ali se encontrava como Provedor, adiantou-se para dizer ao pároco que não achava prudente ele sair com emblemas paroquiais.

Não o conseguiu e mal acabou de falar, partiram tiros de pistola do grupo hostil ao P.^o Azevedo que se generalizaram. Em atitude provocante e proferindo palavras insultuosas, entraram após o Provedor vários indivíduos do grupo anti-Azevedo, entre eles alguns de Esposende, acompanhados de um oficial do exército (Tenente Lauro Barros Lima). Do tumulto que por momentos foi muito grave ficaram feridos vários cavalheiros, entre os quais um mebro da Junta da Paróquia.

O P.^o Nogueira a quem nada sucedeu retirou em seguida para fora da povoação acompanhada pelo Administrador do Concelho».

Isto aconteceu numa altura em que o Arcebispo de Braga destituiu as suas funções, só no arceprelado de Esposende, os párocos das Marinhas, de Belinho, de Fão, e não o fez ao pároco de Gemeses, porque este atempadamente se transmudara para França com o cargo de capitão militar. É claro que os jornais da época não nos ajudam a discernir os verdadeiros motivos destas penalidades, que tanto podiam ser de índole política — parece que o Arcebispo era trauliteiro⁽²⁾ defensor da Monarquia — como de ordem ético-social (a conduta de alguns padres não era edificante). Claro que também neste capítulo os dois jornais não são conclusivos e se «O Grulha» dedica ao P.^o Azevedo os encómios mais generosos, «A Verdade» chega a dedicar-lhe uns versos onde se destaca esta quadra, assinada pelo pseudónimo Neiva:⁽³⁾

*Quer em Palmeira ou em Fão
Sorrindo sempre às cachopas
Fez sempre sempre, um vistão
Mesmo no caso das opas.*

De qualquer modo a saída do P.^o Azevedo de Fão criou um vazio paroquial de quase dois anos o que revela grande afecção ao ex-prior e muito peso e poder dos seus apaniguados, que deviam ser muitos sem dúvida.

Ora foi num período e num meio altamente explosivos que o P.^o António Alves Nogueira foi nomeado pároco de Fão em Setembro de 1919, só conseguindo-se tomar posse efectiva em 14 de Junho de 1921.

(1) Jaime Lopes Pereira e António Gomes da Silva.

(2) Segundo alguns jornais da época.

(3) «A Verdade» de 23-12-1919.

Soldados da Paz

Eram catorze, quantos pereceram,
No cumprimento do dever imposto;
Lutando p'ra apagar o fogo posto,
Muita fazenda e vidas defenderam.

E se fugir da morte não puderam,
É porque o Bombeiro anda sempre exposto,
Pois para ele o p'riço não tem rosto,
— E para o ultrapassar tudo fizeram.

A vila de Armamar soube prestar
Aos seus filhos, o preito de hobenagem
Com que é hábito os heróis honrar;

E junto ao cemitério, na passagem,
Havia rostos tristes a chorar,
Dizendo o adeus da última viagem.

11/9/85

FERNANDO DE ALMEIDA

Na estrada da praia

No local da antiga fábrica do «Felgueiras» têm sido colocados ultimamente detritos de garagem, à mistura com peças velhas de automóvel. Já não bastam para desfeiar aquela elegante artéria o inestético Fojo, o esqueleto, ou as ossadas da «fábrica» e a desventrada extracção de areias. Alguém, pela calada da noite, vem arremessando para o local toda uma variedade de folhetas, ferros e arames, precisamente numa das artérias mais visitadas de Fão e que logo vão dar aos hoteis.

Trata-se de uma acção pouco cívica e anti-económica pois Fão é uma terra de turismo e turismo significa acima de tudo limpeza. Com acções destas não vamos a parte nenhuma com uns a limpar e outros a sujar despendoradamente.

Esperamos só que a Junta de Fão ou o Boletim da Câmara não nos venham dizer que aquilo é terreno de particulares ...

No início da R. Capitão Larcher, à entrada do pinhal, está a esboçar-se também um princípio de licheira, havendo no entanto um contentor de lixo nas proximidades.

Isto faz-nos lembrar uma sentina que o saudoso P.^o Nogueira mandou fazer em tempos, mesmo nas trazeiras da igreja. Era de madeira é certo, mas era limpinha e sobretudo havia o conforto do isolamento. Pois apesar disso as pessoas faziam ao lado ...

Aos Fangueiros

*Humanidade, há só uma
E todos nós somos irmãos,
Em Fão, discórdia nenhuma
Apertemos bem as nossas mãos.
Com sinceridade no olhar,
Unamo-nos com amizade
E lutemos pelo bem-estar
De toda a humanidade.*

*Há muita fome no mundo,
Carências, doenças, dor
Que é preciso debelar!...
Há o espectro da guerra
Que avassala toda a terra
E a muitos deixa sem lar!...
Não há um grito de amor
Que chame à realidade
Quanto sofre a humanidade!*

*Os muitos que nós já somos
Pelo mundo divididos
Se lusarmos p'ra que os povos
Sejam amigos e unidos,
Fruto algum produzirá
Por isso, caros Fangueiros,
Mãos à obra e para já
Sejamos nós os primeiros ...*

DESPORTO



A equipa de futebol de Fão já realizou três jogos a contar para o campeonato da A. F. de Braga—2.ª Divisão. Os resultados foram os seguintes:

- Cabreiros, 1 - Fão, 1
- Fão, 1 - Lagense, 1
- Pousa, 0 - Fão, 0

Bom, não se pode dizer que a coisa esteja muito má. Ao fim e ao cabo são três saídas pois o Fão está a disputar os seus jogos em Esposende, devido ao castigo de 7 jogos impostos na época passada. Faltam só 2 jogos para Fão regressar a casa.

Como já dissemos tempos atrás, o trei-

nador é o João Vieira, de Barcelos.

Estamos a acompanhar com particular atenção a carreira do Esposende no campeonato da 3.ª Divisão Nacional. Já vai em terceiro lugar e pelos caminhos que as coisas estão a tomar começa a gerar-se a esperança de que a 2.ª Divisão pode considerar-se uma meta atingível.

Os nossos parabéns ao treinador, dr. José Albino, que começa a ser bestial (agora) e a toda a equipa que em boa verdade representa todo o concelho de Esposende.

O problema do Priorado: Uma solução?

Todos se lembram de como ficou o caso do Priorado: A Câmara comprometia-se a fazer umas salas de apoio ao Salão Paroquial mediante a cedência, por parte da Comissão Fabriqueira, de uns terrenos onde seriam construídas sete garagens cuja venda custearia em parte o custo das obras. O Presidente da Comissão Fabriqueira, ouvidas algumas pessoas da freguesia, não cedeu a esta exigência e as coisas ficaram neste pé.

Agora o reverendo Pároco acaba de receber uma carta da Câmara onde

se diz sumariamente o seguinte:

1—A Câmara propõe-se fazer as referidas salas de apoio ao Salão.

2—A Câmara não exige como contra-proposta a cedência do terreno para as sete garagens.

3—A Câmara apenas quer que a Comissão Fabriqueira lhe ceda o terreno necessário para a construção de um Centro de Saúde que ficaria na posse da Comissão Fabriqueira, podendo esta vendê-lo ou alugá-lo aos serviços competentes.

Imprensa Regional

Mensagem além fronteiras

Muitos leitores não se apercebem do impacto, junto dos conterrâneos além fronteiras com as novidades transmitidas pela Imprensa Regional.

Em recente encontro com David Viana, fangeiro radicado no Brasil, recordamos um episódio inédito, ocorrido nos tempos da publicação da «Página de Fão».

De facto, quando certo dia por volta de 1970, abeira-se um cavalheiro que, em sota-que brasileiro, me diz: «conheço você sem nunca o ter visto», imagine-se o espanto de uma tal afirmação.

Resaltou, desde logo, um dos muitos casos complicados na vida de vulgar cidadão em permanente contacto com o público. Mas, a explicação, veio de seguida.

David Viana, fangeiro em terras do Brasil, era assíduo leitor da «Página de Fão». Aguardava, ansiosamente, as notícias da terra distante e, acompanhava, a par e passo, os contecimentos de cada quinzena; vivia, comovidamente, as alegrias e as tristezas, recordando co msaudade, os recantos que em menino, foram cenário das suas traquinices. Sabia quem era o autor porém, nunca o tinha visto em pessoa.

Na recente visita a Fão, num segundo encontro após o episódio, afirmou que a «Página de Fão» era um pedaço de Fão que lhe chegava às mãos, era um modo fácil de matar as saudades de longos anos de ausência da terra natal.

Sabendo que David Viana virou assinante de «O Novo Fangeiro», e do interesse dos brasileiros de Fão pela Imprensa Regional, aqui vai um abraço pela dedicação e fidelidade às novidades que periodicamente lhes mandamos.

Artur Costa

PINTO MIGUEL

SOCIEDADE DE TRANSPORTES INTERNACIONAIS
DE CARGAS, LDA.

Rua do Farol, 155 - 1.º Tr.º — Telef. 672295 - 672450
Telex 25181 — 4100 PORTO

ARMAZENS:

Rua Roberto Ivens, 903 — Telef. 930647
4750 MATOSINHOS

Dicionários EDITORA

A vasta coleção «Dicionários Editora» acaba de ser enriquecida com a publicação da 6.ª edição do Dicionário da Língua Portuguesa.

Uma obra inovadora para o nosso país, feita em motes acentuados utilizados em enciclopédias, com a colaboração de professores de comprovada competência, tanto em matéria geralizada, como de especialidade.

Enriquecida não só no aspecto etimológico, com muitos dados novos relativos à origem e evolução de cada vocábulo, que aumentaram esta edição em mais de duas centenas de páginas, como também pelo alargamento do âmbito da equivalência e locuções estrangeiras.

O Dicionário da Língua Portuguesa - 6.ª edição
A 6.ª edição desmistifica de muitos os do seu idioma, o mais correcto e o mais utilizado quanto à definição de termos técnicos e científicos.

PORTO EDITORA LDA. Rua da República, 30-4000 PORTO, Códex
Livraria ARNOLD LDA. Rua Dr. João de Sá, 9-11 - 4000 PORTO, Códex
BVP L. FLUMINENSE LDA. Rua de S. José, 100 - 20000 FLUMINENSE, Códex

CONVERSANDO

CECÍLIA PAIXÃO AMORIM

O pensamento é o factor mais poderoso, mais independente e mais louco que acompanha a nossa vida.

Trabalha incessantemente, ora construindo mundos inenarráveis, ora destruindo pequenos e velhos castelos.

É ele que nos liberta do mundo em que vivemos, transportando-nos aos mais aprazíveis lugares, sem que para isso sejam precisos passaportes, licenças, preconceitos, liberdades...

É riqueza do pobre e do rico.

É refúgio do são e do doente.

É refúgio do solitário e do desgraçado.

Através dele criamos o paraíso ideal onde ambicionávamos viver e muitas vezes refugiamos nele, como numa fortaleza inatingível, onde ninguém nos poderá nem desiludir, nem atacar...

Também nas horas de incerteza o seu desempenho tem um papel importante.

Sempre tumultuoso, vai vogando em maré alta, deixando-se muitas vezes despeçar contra as rochas do desespero.

Tudo lhe é permitido.

Para o homem invisível o pensamento é uma fonte inesgotável.

Dá-lhe a faculdade de poder construir um mundo sem par, um mundo só dele onde a côr, os contornos, a claridade, têm a concepção pessoal do seu espírito e do seu poder criador.

Cada coisa tem a forma e a beleza que a sua imaginação concebeu.

Tudo para ele nasce e existe, na forma mais ou menos bela que lhe dá, ou a grandeza da sua alma de idealista ou a mesquinhez do seu espírito materialista.

São os nossos pensamentos que regem as nossas vidas.

Sugerem-nos os mais sublimes actos de heroísmo e abnegação, como também nos levam a desejar as maiores loucuras.

Há quem empregue a vida inteira a pensar nos seus semelhantes e então é maravilhoso analisar como são verdadeiramente admiráveis os frutos de tais pensamentos.

Aqueles que têm fé e que elevam o seu pensamento a Deus, ora agradecendo as dádivas que recebe diariamente, ora suplicando, nas horas adversas, a Sua ajuda, são na verdade os mais felizes.

Fão de Antigamente

Hoje trazemos até aos nossos leitores as «Indicações» do jornal «Avante» que se publicou em Fão em 1917. Trata-se de uma lista de todos os estabelecimentos de indústria e comércio que ao tempo existiam em Fão e que nos revelam a capacidade económica da nossa terra e que era bastante, parece-nos que mais do que hoje.

INDICAÇÕES DO «AVANTE»

Fábricas — A FANGUEIRA — de António Cardoso Salgado — Moagens, serragens, trituração de linho e destilação de aguardente. — Avenida Tomaz Ribeiro.

Agentes bancários: Viúva Pessoa Braga (Banco do Minho) — Rua da Praça. Manuel de Jesus Gonçalves (Banco Aliança) — Rua da Praça.

Fazendas e armarinho: João Evangelista da Silva Júnior — Rua Direita. Emílio Fernandes — Rua da Areosa. Viúva Perelra & Filhos — Rua Direita.

Mercearias: João Pinto dos Santos — Rua da Cruz. Inácio Gonçalves Turra — Rua da Igreja. Manuel de Jesus Gonçalves — Rua da Praça. Manuel Leite Mariz — Rua da Areosa. Alberto Fernandes Pinheiro — Alameda do Bom Jesus. Antero José Maria Ferreira — Avenida Dr. Manuel Pais.

Cordoarias: Francisco Campos Silva — Travessa da Areosa. David dos Santos Viana — Rua das Varisqueiras. António Carlos — Rua de S. João. Manuel Carlos — Rua de S. João.

Alquilarias: Viúva Pires Carneiro — Largo do Cais. Antónia de Sousa Gomes — Rua Serpa Pinto.

(CONT. NO PRÓX. NÚMERO)

Piratas no Mar de Fão

Há dias, no barbeiro (os tradicionais centros de cavaqueira), ouvi reafirmar na ladroeira que grassa no espaço marítimo de Fão.

Vai sendo frequente, desaparecerem redes e tresmalhos lançados por embarcações locais. A pescaria, leva o mesmo destino dos aparelhos. E o pescador consciente, contribuinte, fica sem nada e ninguém toma providências para se evitar esta pirataria.

Os episódios ocorrem entre a zona de Apúlia e Esposende, numa área marítima bem perto da costa, o que leva a suspeitar que se trate de gente desta mesma área.

Nada escapa à fúria destes piratas modernos que se deslocam, certamente, em barcos a motor, potentes e bem equipados.

Aqui fica o alerta para que se investiguem os casos detectados.

NOVO FANGUEIRO

Mensário regionalista

DIRECTOR: Armando Saralva

COLABORAM NESTE NÚMERO:

Dr. Armando Saralva
Dr.ª Maria Emília Corte-Real
Tia Mariquinhas
Zinha
Sérgio Mendanha
Quim Muata
Artur Costa

PROPRIEDADE:

Armanda dos Santos Saralva
José Augusto A. Nobre Madureira

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:

R. de Cima n.º 5 — Fão
Telefones 961475 - 962150

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO:

BINOGRÁFICA
Praça João XXIII — Telef. 60318
4490 Póvoa de Varzim

Assinaturas de «O NOVO FANGUEIRO»:

Anual 500\$00

A cobrança de «O Novo Fanguelro» através de «Os Correios» será por conta do assinante

Dr. Alceu Vinha dos Santos

Podemos dizer, sobretudo aos fanguelros ausentes, que este nosso conterrâneo vai resistindo, umas vezes melhor, outras vezes pior. Do Hospital de Fão transitou para o de Gaia, antigo D. Manuel II, e há uns meses para cá voltou de novo para sua casa.

No dia 6 de Setembro foi buscar forças ao diabo para ir votar, e digamos que o seu estado é estacionário. Forneceu algumas notas ao dr. Joaquim Peixoto sobre alcunhas fanguelras que pensamos publicar oportunamente.

Recordamos sem reboço que o dr. Alceu é hoje uma das memórias de Fão e nós fazemos uma forcinha pelo seu completo restabelecimento.



O descanso desejado...

HOTEL DO PINHAL ★★

OFIR — FÃO — 4740 ESPOSENDE — TEL. 053-96 14 73/4 — TELEX 32857
(nova Gerência pelos proprietários)



Contacte-nos directamente ou através do seu agente de viagens.



Da minha

varanda

por ZINHA

Novembro! Mês sombrio e triste. Mês das almas.

O nosso Cemitério encheu-se. Todos se empenham em cobrir de flores as suas campas, alindar os seus jazigos. E Fão tem tantos, e tão antigos e lindos.

Quem não terá ali um parente, um amigo? De longe, às vezes de bem longe, ei-los que chegam para velar os seus mortos. É a mãe querida que ali jaz, que partiu há muito e deixou para sempre um grande vazio! É o pai, morto repentinamente, que desceu à terra fria e que era o sustentáculo de toda a família! É o marido, companheiro de to-

das as horas que tão desamparada a mulher deixou! É o filho querido que a morte levou na flor da idade, quando tudo parecia sorrir-lhe e onde tantas esperanças estavam depositadas! É a irmã, essa querida irmã, que na doença tanto sofreu e que roída de saudades já, a morte aceitou com resignação! É um tio, seu primo, seu amigo, um menino arrebatado de uma hora para a outra, distraído na brincadeira!

Novembro, mês das almas! Mês em que estamos tão pertinho dos entes queridos que nos deixaram.

Recordam-se com maior saudade, aos olhos chegam lágrimas sentidas de tantos momentos bons passados juntos, de tantos sonhos que ficaram por concretizar, de algumas faltas de carinho, de menos tolerância, de escassa caridade.

E ali, no dia de finados, junto aos túmulos, reza-se e chora-se. E acendem-se velas e lamparinas e compõem-se as flores. E pelos dados passam, mais uma vez, as contas do Terço.

E quando a noite cai e chega a hora da despedida, ficam na escuridão e no silêncio daquele lugar, os pavios incandescentes a marcar a nossa presença, a falar por nós e a dizer que enquanto existirmos na Terra, eles jamais serão esquecidos!

Que descansem em paz!

Finalmente salva a praia de Fão

Desde há muito tempo que a nossa praia vem sofrendo as inclemências do mar que gradualmente tem «comido» a areia do seu extenso areal. Se não fossem as obras que a Sopete efectuou ao correr de todo o restaurante do Hotel Ofir, já este teria sofrido forte rombo. As torres, porém, a praia em si e as residências situadas no bordo sul estavam condenados, mais ano, menos ano a desaparecerem.

Os estudos feitos apontavam para o levantamento de um esporão na zona sul da praia, aproveitando-se como enrocamento natural o penedio das Pedrinhas. Entretanto o mar ia galgando a terra e já se começava a dizer que a praia de Fão não prestava.

Finalmente e coroando todo um conjunto de esforços dos responsáveis locais, a Direcção Geral de Portos abriu concurso na semana passada para a construção de 300 metros de esporão com 5 metros de largo, sendo a base de concurso de 25.000 contos.

Trata-se sem dúvida de um melhoramento importantíssimo para a nossa terra que vive fundamentalmente de turismo e este por sua vez assenta sobretudo na excelência da nossa praia.

A PROPAGANDA

O GAB. I. (gabinete de informação) tem posto a circular ultimamente duas notícias que, pela sua importância, não podemos deixar passar em claro. Assim, aquele gabinete alude à abertura do concurso das obras da barra de Esposende e ao empréstimo para as obras da rede de esgotos (vide jornal «O Comércio do Porto» dias 16/10 e 17/10 respectivamente).

Tanto uma como outra obra são importantes e necessárias a Fão e a este Concelho e são, por isso, de acarinhar e apoiar. Porém, todos nós sabemos que as notícias — principalmente as que não são fundamentadas e documentadas — estão muitas vezes longe da realidade e servem apenas interesses de vária ordem, nomeadamente políticos.

Quando da apresentação do GAB.I perguntei directamente aos seus responsáveis se aquele gabinete não iria funcionar como um órgão de propaganda da C.M.E. em tempo eleitoral (vide «Novo Fangeiro» n.º 16). Foi-me então respondido que estava redondamente enganado. Mas, ao ver serem propagandeadas notícias cujas fontes não são indicadas e com a finalidade de atingir interesses, se calhar estrategicamente delineados, sinto infelizmente que as minhas críticas tinham razão de ser.

FANGUEIROS e amigos leitores

em geral! As obras da barra de Esposende são demasiadamente importantes para todos nós. Em primeiro lugar porque iriam beneficiar a praia de Fão (quem a viu e quem a vê); em segundo lugar porque iriam impedir que as traineiras desta zona fossem obrigadas a levar o seu peixe para Viana do Castelo, atendendo à dificuldade que existe em entrar a barra de Esposende. Recordemos que ainda em 12/12/84 dois pescadores morreram tragicamente quando a sua embarcação se voltou. Por isso mesmo, propagandear notícias cuja veracidade é duvidosa, é brincar não só com os anseios de todos nós, mas o que é mais grave, com os profundos sentimentos de dezenas de famílias cujos entes arriscam quotidianamente a vida no mar.

Quanto ao saneamento básico todos nós continuamos à espera do falado pa-

recer técnico que dará luz verde à estação de tratamento de esgotos (vide «N. Fangeiro» n.º 14 pág. 3).

Das três opções para uma estação de tratamento — Lagoa de Estabilização, Lamas activadas e Leitos Percoladores qual a que iremos escolher para este Concelho? É que se o tal empréstimo vier (o que é de duvidar pois, no referido jornal, ao mesmo tempo que se diz que foi oferecido um empréstimo à C.M.E. diz-se logo a seguir que a C.M.E. se candidatou ao mesmo — o que é totalmente diferente) a opção já deverá estar tomada. Se não for assim para que servirá esse dinheiro?

Deixemo-nos de brincadeiras senhores do GAB.I. No vosso editorial contido no boletim de informação n.º 2 alerta-se para os perigos do boato; porém, a meu ver, parece que estamos aqui perante um ditado conhecido do nosso povo: «Olha para o que eu digo (escrevo) não olhes para o que eu faço».

JOSÉ MANUEL MADUREIRA

AVENÇA



PORTE

PAGO

«O NOVO FANGUEIRO»
FÃO